





PONTE PARA A COMPETITIVIDADE E DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

POR MEIO DE INICIATIVAS IMPORTANTES, **ASSOCIAÇÕES LEVAM**
INFORMAÇÃO DE QUALIDADE E CRIAM UM AMBIENTE DE
OPORTUNIDADES PARA OS SETORES DE ATUAÇÃO. CONFIRA
OS FRUTOS DESSE MOVIMENTO EM SOLO NACIONAL

VALERIA CAMPOS

valeria@dc7comunica.com.br

O associativismo é a mo-
la propulsora da susten-
tabilidade e inovação no
agronegócio brasileiro.
Como consequência di-
reta, esse movimento co-
labora com a formatação
de políticas públicas e po-
tencializa os resultados dos associa-
dos, fazendo com que eles prosperem
ainda mais em suas atividades.

Por meio dele, cria-se um ambiente
de oportunidades e diferenciais com-
petitivos, cenário que impacta positi-
vamente na ampliação do setor nos
mercados nacionais e internacionais.

No Brasil, são vários os exemplos
de sucesso dessa união. E em come-
moração ao Dia Nacional do Asso-
ciativismo, celebrado em 30 de abril,
reunimos algumas entidades de clas-
se e personagens importantes desse
movimento para falar sobre os refle-
xos desse esforço coletivo no desen-
volvimento do agronegócio nacional.

Fazendo parte desta história ao
longo de sete décadas, o Sindirações
é uma entidade-modelo da força do
associativismo. Com 140 associados,
ele é responsável pela intermedia-
ção nas negociações com os colabo-
radores da cadeia produtiva por meio
de convenções e dissídios coletivos.
Além disso, representa a coletivida-
de diante do judiciário nas ações que
envolvem assuntos ambientais, regu-
latórios e tributários das empresas.

Na outra ponta, na área do co-
nhecimento, o Sindirações tem gran-
de contribuição também. De acor-
do com o CEO, Ariovaldo Zani, a en-
tidade conduz diversos assuntos de
interesse técnico-científico, pesqui-
sas mercadológicas e cálculos eco-
nométricos: “Somado a isso, organi-
za conferências e seminários e atua
na capacitação de milhares de pro-
fissionais. Ao mesmo tempo, ofere-
ce aperfeiçoamento técnico a audi-
tores das agências de certificação, ►

fiscais federais agropecuários, especialistas da indústria e consultores”.

Outra tarefa de destaque, continua Zani, é o associativismo junto às entidades internacionais, como ocorre com a Associação das Indústrias de Alimentação Animal da América Latina e Caribe (Feedlatina) e a Federação Internacional das Indústrias de Alimentação Animal (IFIF). Nessas ocasiões, há um encontro de lideranças para debater temas desde a desburocratização no comércio externo e harmonização de regulamentos técnicos-sanitários até tendências macroeconômicas que influenciam os hábitos de consumo.

Em solo nacional, essa união não é diferente. Junto a outras associações, a exemplo da ABPA e o Sindan, o Sindirações contribui sobremaneira na representação do segmento econômico junto às autoridades públicas no discurso uníssono com os órgãos oficiais reguladores e na agregação de valor das mercadorias produzidas e exportadas.

“É importante salientar, sobretudo, que essa coalizão mantém interlocução ininterrupta com as outras entidades como Abiec, Abrafrigo, Asbram, Peixe BR, Abinpet, entre outras. Por conta da intersecção de interesses, e mesmo a despeito dos inevitáveis conflitos institucionais, essas lideranças têm reivindicado atenção dos governantes no tocante à implementação das políticas públicas necessárias para promover a sustentabilidade e prosperidade da cadeia produtiva”, diz o CEO do Sindirações.

Esse reforço também traz benefícios aos consumidores finais. Conforme explica Zani, o sistema deve funcionar para o cidadão/consumidor e não contra ele. Ou seja, qualquer conjunto de regras deve proteger a saúde, segurança, meio ambiente e bem-estar, ao mesmo tempo em que melhora o desempenho da economia.

“A união e o fortalecimento têm permitido também a esses legítimos porta-vozes aliviar a pressão da ideologia radical que rejeita a influência das ciências naturais e espalha o mito que o modelo de produção vegetal/animal e o cardápio contemporâneo compreendem fatores de maior risco à saúde e à sobrevivência dos seres humanos”, discorre Zani.

Ao defender os interesses da ca-



“ JUNTO ÀS OUTRAS ASSOCIAÇÕES, A EXEMPLO DA ABPA E O SINDAN, O SINDIRAÇÕES CONTRIBUI SOBREMANEIRA NA REPRESENTAÇÃO DO SEGMENTO ECONÔMICO JUNTO ÀS AUTORIDADES PÚBLICAS ”

ARIOVALDO ZANI,
CEO DO SINDIRAÇÕES

deia produtiva, o Sindirações participa ativamente de vários debates do setor. Um exemplo recente é a aprovação do inovador processo de “autocontrole”, uma atualização da legislação sanitária voltada à maior autonomia e responsabilidade dos fabricantes dos diversos produtos agropecuários.

“A prática é reconhecida como tendência mundial, haja vista a limitada capacidade dos governos em conduzir e manter as atividades de controle e fiscalização, permitindo, assim, que desempenhem um papel institucional de uma maneira mais eficiente na garantia da qualidade, idoneidade e segurança dos produtos oferecidos aos mercados nacionais e internacionais”, relata o CEO do Sindirações.

Nesse rol de melhorias, a recente cooperação entre Sindirações, Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), ABPA e Em-

brapa Meio Ambiente culminou no aprimoramento das ferramentas para Análise de Ciclo de Vida (ACV) do milho da soja e do farelo. Como consequência, a convergência de interesses das entidades permitiu desmistificar a injusta imagem de um Brasil poluidor e revelou-se robusta e oportuna, principalmente frente à mais nova investida europeia, calcada na neutralidade das emissões de carbono.

“Colocamos o setor, efetivamente, dentro do círculo de interesses da sociedade brasileira”, destaca Francisco Turra, presidente do Conselho Consultivo da ABPA. Segundo ele, é difícil ver uma atividade avançar se estiver só e não possuir uma visão de conjunto tanto de cadeia quanto de pessoas relacionadas a ela: “Temos que andar em sintonia, porque movendo o interesse de um e ajustando o de outros, todos ganham e o setor avança”.

Filho de pequenos agricultores, Turra sempre teve uma ligação com o agro e por essa familiaridade, enquanto estudante, prefeito de Marau (RS) e deputado estadual, tinha uma predileção bastante especial para tratar dos temas nesses espaços: “E por sorte, mais tarde, como presidente da Conab e ministro da Agricultura, eu pude, efetivamente, implementar projetos, planos e ideias relacionados à sustentabilidade. E foi neste período como ministro que implementamos o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, o Pronaf”.

Depois dessas importantes atuações, Turra foi convidado para assumir a presidência da ABPA, antiga União Brasileira de Avicultura (Uba-bef). Naquela época, em meados de 2007, a entidade era voltada apenas para exportação de aves. E, ao longo do tempo, foi crescendo e ganhando o merecido reconhecimento de seus esforços: “Na medida que fomos avançando, os produtores tiveram interesse de se unir conosco”.

Com o tempo, o setor suinícola entrou debaixo do guarda-chuva da entidade, e as duas atividades foram amparadas pelos esforços contínuos da associação. De acordo com Turra, os representantes da ABPA conseguiram agregar e criar uma visão de cadeia, pois, não só o produtor participava desse contexto, mas, também, as agroindústrias: “A partir deste propó-

sito, pavimentamos os caminhos para ampliar. E de 27 associados, quando entrei na Ubabef, saltamos para 134 naquela época”.

Para Turra, essa experiência foi bastante valiosa para sua carreira: “Um trabalho importante, abrangente e sólido, tanto nas relações governamentais como na aproximação com a sociedade brasileira”.

A lista de contribuições da ABPA no setor é gigantesca. E quando questionado sobre as principais iniciativas em prol das atividades, Turra foi enfático: “Trabalhamos de forma contínua para promover o conceito de sanidade e sustentabilidade. E fomos os principais interlocutores, por exemplo, em momentos mais delicados do setor, como o episódio da Carne Fraca em 2017”.

Além disso, a ABPA participa ativamente na abertura de mercados. E um momento marcante para Turra, foi a conquista do mercado asiático, em 2009, durante uma missão governamental: “Conquistamos a abertura da China para a exportação de carne de frango - mercado que permanece até hoje”.

Segundo Turra, o país asiático é destaque nos embarques tanto de aves e suínos quanto de bovinos. Desta forma, a Ásia para o Brasil “é o espaço do globo terrestre mais importante hoje em termos de exportação”: “Praticamente todos os países abriram suas portas para a proteína animal brasileira”.

Desta forma, além de estar presente nos fóruns nacionais e internacionais com foco no desenvolvimento setorial, a ABPA também fomenta o conhecimento dentro das cadeias produtivas por meio de eventos e capacitação. Como principais exemplos dessa atuação, a associação promove cursos e gera estudos de competitividade, relatórios, informações técnicas e Big Data.

Promovendo também este ambiente de crescimento, a Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), junto aos seus associados, tem contribuído para a ampliação da pecuária por meio de ações. De acordo com o geren-



te Executivo, André Locateli, dentre as principais iniciativas, a entidade realiza programas de melhoramento genético, como o Ranking Nacional Nelore Mocho e o recém-criado Ranking Nacional Nelore Pelagens - que incluiu a variedade de animais conhecida como Nelore Pintado.

“Além disso, apoiamos o Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ), iniciativas de qualidade de carne como o Circuito Nelore de Qualidade - o maior campeonato de avaliação de carcaças bovinas do mundo -, promoção de leilões oficiais e eventos de capacitação e disseminação de tecnologia, como a Universidade do Boi e da Carne”, destaca Locateli.

Fundada em 1954, a ACNB tem o objetivo de promover e fomentar a raça Nelore, valorizar o trabalho de seus criadores e oferecer aos consumidores finais carne de qualidade, produzida de forma eficiente, sustentável e em linha com o bem-estar animal.

Ao abordar o atual momento da pecuária brasileira, o gerente Executivo retrata que a atividade entrou em 2024 ainda sob os efeitos da conhecida e histórica “virada de ciclo”. E somase a esse ambiente os impactos climáticos, dependendo da região do País: “De acordo com a localização das pro-

“TRABALHAMOS DE FORMA CONTÍNUA PARA PROMOVER O CONCEITO DE SANIDADE E SUSTENTABILIDADE”, DIZ FRANCISCO TURRA SOBRE AS INICIATIVAS DA ABPA

“ NOSSO TRABALHO CONSISTE EM ORIENTAR OS CRIADORES A INVESTIREM NO MELHORAMENTO GENÉTICO, NA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E NO APERFEIÇOAMENTO DA GESTÃO ”

ANDRÉ LOCATELI,
GERENTE EXECUTIVO DA ACNB

priedades, o foco da produção e tecnificação da produção, entre outros fatores, os impactos sobre o negócio do produtor podem ser diferentes”.

De forma geral, acrescenta Locateli, 2023 foi um ano desafiador para a pecuária. No segmento de seleção de animais para reprodução, chamado de “elite”, a liquidez e valorização tem se acentuado: “Há tempos a atividade pecuária passou a demandar um nível de gestão mais afinado - quem consegue ter um melhor planejamento, tende a ter melhor resultado”.

Ou seja, quando os negócios são conduzidos de maneira empresarial, os pecuaristas colhem bons frutos: “E isso é o que estimula e guia as ações da ACNB. Nosso trabalho consiste em orientar os criadores a investirem no melhoramento genético, na melhoria das condições de produção e no aperfeiçoamento da ges- ▶



ATUALMENTE, A PECUÁRIA BRASILEIRA POSSUI UM REBANHO DE 234 MILHÕES DE CABEÇAS DE GADO E SUPLEMENTA CORRETAMENTE EM TORNO DE 110 MILHÕES DE ANIMAIS

tão, buscando a valorização do trabalho e da produção dos associados”.

Por todas essas contribuições, a união é importante para alcançar esses resultados, frisa o gerente Executivo. Segundo ele, ela permite o compartilhamento de experiências, a somatória de forças, aumento da representatividade setorial e busca de condições comerciais diferenciadas: “Um único produtor, por mais porte que tenha, não faz o balizamento do mercado ou constrói a reputação do setor. Juntos, agregamos

competências, volume, padrão de produto e regularidade de oferta”.

Visão similar tem Roberto Betancourt. Hoje como presidente da Feedlatina, o executivo enxerga na união uma oportunidade para o agronegócio progredir ainda mais e cita a contribuição das cooperativas brasileiras neste contexto: “São um exemplo de sucesso para o mundo inteiro de como os pequenos produtores podem se associar e evoluir rapidamente em benefícios de todos”.

Com uma bagagem extensa no setor, Betancourt acumula experiências nacionais e internacionais dentro do associativismo. E durante essa trajetória – que iniciou no Sindirações –, o executivo visitou diversos países da América Latina e pôde constatar, ao longo dos anos, que o Brasil é destaque nes-

te movimento: “Algumas regiões não têm essa cultura. E, por consequência, a agricultura delas ficou para trás”.

Na época que presidia o Sindirações, Betancourt trabalhou em conjunto com o setor de nutrição animal e descobriu no decorrer desta experiência o poder do associativismo: “Avançamos muito mais juntos do que isoladamente. Então, toda minha vivência foi bastante positiva. Tive a oportunidade de aprender diversos assuntos, especialmente em relação à interlocução com o governo e demais entidades do setor”.

Foi ocupando essa cadeira que Betancourt articulou a associação do Sindirações ao Instituto Pensar Agropecuária (IPA), uma entidade sem fins lucrativos criada com o objetivo de defender os interesses da atividade: “A IPA é uma entidade que abriga associações do agronegócio e esse foi um marco porque, até então, a força política do setor era dispersa. Então, esse grande passo permitiu que o setor verde e amarelo tivesse pujança e crescimento”.

Depois do Sindirações, as oportunidades na carreira foram se abrindo e Betancourt começou a representar o Brasil por meio da Federação Internacional das Indústrias de Alimentação Animal (IFIF). E foi neste período que sentiu a força do associativismo, não só dentro do País, mas fora também: “E de forma

“ ESPECIALMENTE NAS QUESTÕES DE SUSTENTABILIDADE, O ASSOCIATIVISMO TEM UMA FORÇA AINDA MAIOR, POIS O CONCEITO DEPENDE DA CADEIA PRODUTIVA COMO UM TODO, NÃO É UMA AÇÃO ISOLADA ”

ROBERTO BETANCOURT,
PRESIDENTE DA FEEDLATINA



associada, o setor de nutrição animal ganhou espaço junto a organismos internacionais, como a FAO”.

Desta forma, a união de esforços não se restringe apenas aos resultados internos, mas reflete na inclusão do Brasil no cenário global, mostrando ao mundo a força do agronegócio verde e amarelo e a competência dos profissionais do setor: “Especialmente nas questões de sustentabilidade, o associativismo tem uma força ainda maior, pois o conceito depende da cadeia produtiva como um todo, não é uma ação isolada de uma determinada atividade”.

Ao trazer a sua experiência à frente da Feedlatina, Betancourt destaca a evolução da entidade nas regiões de atuação. Como prioridade de sua gestão, o foco é evoluir na área regulatória, manter o relacionamento dos reguladores e fazer um alinhamento em busca de uma harmonização que facilite o comércio e o desenvolvimento das empresas latino-americanas.

Outra questão que será levada para a entidade serão os parâmetros de sustentabilidade, diz o presidente. Segundo ele, o objetivo é articular as metodologias de emissões de CO2 equivalente, utilizando o mesmo critério e metodologia para que o setor latino-americano possa conversar de igual para igual com a Europa, Estados Unidos e Ásia.

“Neste sentido, vamos nos antecipar em relação à chegada de novos regulamentos. Queremos estar melhor preparados”, relata Betancourt.

Com essa mesma intenção de criar pontes para os associados, a Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia) luta pelo setor nas frentes mais importantes. Conforme explica o executivo Cristiano Botelho, a entidade, nos últimos anos, tem investido em estrutura e comunicação para evidenciar as conquistas e se aproximar de instituições importantes e órgãos governamentais: “Com isso, esperamos evidenciar cada vez mais os investimentos em genética como um fator de vantagem competitiva e sustentável”.

Ao mesmo tempo, a entidade coleta informações relevantes e compartilha com os pecuaristas, para atualizá-los sobre os principais movimentos do setor com apoio do Cepea. “Fruto disso, produzimos o Index - o mais



importante relatório de genética bovina, o qual traz um panorama de exportações, importações produção e venda interna -, e também o Index Embriões ao lado da Sociedade Brasileira de Tecnologia de Embriões (SBTE) - que deixa ainda mais completo o trabalho de monitoramento genético”, discorre Botelho.

Fundada em 1974, a Asbia nasceu com a missão de congregar empresas dedicadas ao desenvolvimento da genética bovina brasileira. E 50 anos depois, a associação mantém vivo o seu propósito de democratizar cada vez mais o acesso à informação de qualidade. Desta forma, acrescenta Botelho, a entidade cria uma representatividade única para o setor por meio do tripé: Index, representatividade setorial e informação com conteúdo e qualidade.

Outro exemplo claro desse compromisso é o incentivo da Asbia no que tange à profissionalização dos associados. Por meio dos canais digitais, discorre o executivo, a entidade também promove cursos e compartilha técnicas institucionais. E, recentemente, em uma nova iniciativa ao lado das Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu), a associação levará algumas soluções online para pro-

“50 ANOS DEPOIS, A ASSOCIAÇÃO MANTÉM VIVO O SEU PROPÓSITO DE DEMOCRATIZAR CADA VEZ MAIS O ACESSO À INFORMAÇÃO DE QUALIDADE”, DESTACA **CRISTIANO BOTELHO**, EXECUTIVO NA ASBIA



“ A PARTIR DESSE GANHA-GANHA, VAMOS NOS UNIR CADA VEZ MAIS PARA PRODUZIR UMA ATIVIDADE DE BAIXO CARBONO E COM MELHOR CUSTO ”

ELIZABETH CHAGAS,
VICE-PRESIDENTE DA ASBRAM

fissionais do campo, colaborando na formação dos cursos da instituição.

De acordo com o executivo, o mercado de inseminação artificial está em plena expansão. Somente a Inseminação por Tempo Fixo (IATF) representa mais de 91% das inseminações realizadas no Brasil, segundo o Cepea. Além disso, o Index Sêmen 2023 mostrou que cerca de 14 milhões de fêmeas de corte e 5 milhões de fêmeas leiteiras foram inseminadas.

“Esse volume representa 23% do rebanho de corte nacional e 12% do rebanho leiteiro - o que deixa claro o mar azul de oportunidades para seguirmos avançando na produção de alimentos”, realça o executivo.

A boa notícia vem do mercado de suplementação animal também. Conforme compartilha a vice-presidente da Asbram, Elizabeth Chagas, os investimentos nesse setor serão sig- ▶

nificativos devido às novidades tecnológicas que estão chegando: “Temos ainda muita coisa para ser desenvolvida na pecuária, mas, quando olhamos o que já foi feito, notamos um movimento de startups trabalhando para a contagem do bezerro, área por drone, qualificação de produtos, etc”.

Com 92 associados atualmente, a Asbram reúne 75% das indústrias brasileiras produtoras de suplementos para a pecuária em todo o território nacional. Por meio da sua representatividade, tem fomentado e acompanhado todo o processo de modernização da indústria, colaborando para que suas afiliadas sejam cada vez mais competitivas no mercado.

Quando Beth chegou na entidade, havia apenas 22 associados. E seu trabalho dentro da associação consistiu em ampliar esses números. Com uma carreira sólida no setor, a vice-presidente acumulou experiências singulares ao longo da sua jornada; foi especialista em mercado internacional na área de fertilizantes, trabalhou como trader na Polônia e dirigiu um terminal marítimo por 10 anos.

E após essa jornada, entrou na Tortuga, momento em que conheceu mais a fundo o universo da pecuária. “Após essa experiência, entrei na Asbram. Cheguei aqui com o espírito de fazer acontecer, pois queria tornar a associação relevante. E quando trabalhamos com carinho e amor é difícil a coisa não dar certo”.

Com passagens por vários sindi-

catos, Beth depositou toda sua bagagem e entusiasmo na associação e viu o quadro de associados aumentar ao longo dos anos: “Começamos conversando bastante sobre as nossas dificuldades. No começo tudo parecia para o lado do produtor de matéria-prima, mas, depois entendemos que tinha um trabalho de inteligência de mercado complexo por trás”.

Essa compreensão maior permitiu a criação de um ambiente favorável para os produtores de matéria-prima e fertilizantes, fomentando uma comunicação mais próxima com ambas as partes: “Começamos a entender que somos, no final do dia, a mesma cadeia de produ-

DENTRE AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DA ABPA, A ENTIDADE TRABALHA DE FORMA CONTÍNUA PARA PROMOVER O CONCEITO DE SANIDADE E SUSTENTABILIDADE. ALÉM DISSO, AO ATUAR COMO UMA INTERLOCUTORA DA ATIVIDADE, PARTICIPA DE MOMENTOS DESAFIADORES DO SETOR, A EXEMPLO DO EPISÓDIO DA CARNE FRACA EM 2017

ção. E a partir daí iniciamos as estatísticas”, conta Beth. Com os números em mãos, a entidade conseguiu visualizar melhor o tamanho do mercado.

“Por isso, nas nossas reuniões mensais, é de fundamental importância a participação e engajamento dos associados. Ano a ano, melhoramos as informações do painel – que hoje está dividido em gado de corte e leite e já iniciamos os dados de exportações. E tudo isso para que? Para que nossos associados tenham o poder de decisão por meio de números e resultados consistentes”.

Atualmente, compartilha Beth, a pecuária brasileira possui um rebanho de 234 milhões de cabeças de gado e suplementa corretamente em torno de 110 milhões de animais: “Isso mostra que temos um grande barco e todo mundo está remando. Antes remavam para lados diferentes, mas, agora, todos seguem para a mesma direção em busca de uma produção mais moderna e tecnológica”.

Para ela, o associativismo se resume em um jogo de ganha-ganha, onde todos se beneficiam com a força do coletivo. E como resultado, além de os setores se tornarem mais competitivos, a sustentabilidade impera nos sistemas produtivos. “Nosso objetivo é levar aos associados as tecnologias mais modernas para a pecuária de corte e leite. E a partir desse ganha-ganha, vamos nos unir cada vez mais para produzir uma atividade de baixo carbono e com melhor custo”, finaliza. ■